

volume

30/2

jul/2025

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História e Literatura: diálogos e reflexões

Está à venda o catálogo com as principais especialidades em doces e sobremesas para casamentos, baptípara casamentos, baptí-sados e banquetes. E' usado e banquete. É a única depositária da afamada padaria da afamada Guarana Espumadura Guarana. E' usado e do excelente chocolate e do excelente leite Laeta, fabricados na Laeta, fabricados na S. Paulo pelos Srs. ZAS. Paulo pelos Srs. Cianotta Leiteiro & Cianotta Leiteiro. A Confeitaria Brasil faz Confeiteira.

Está à venda o catálogo com as principais especialidades em doces e sobremesas para casamentos, baptípara casamentos, baptí-sados e banquetes. E' usado e banquete. É a única depositária da afamada padaria da afamada Guarana Espumadura Guarana. E' usado e do excelente chocolate e do excelente leite Laeta, fabricados na Laeta, fabricados na S. Paulo pelos Srs. ZAS. Paulo pelos Srs. Cianotta Leiteiro & Cianotta Leiteiro. A Confeitaria Brasil faz Confeiteira.



Hist. Rev. Pelotas Número 30/2 p.1-148 jul. 2025

ISSN 2596-2876





Obra publicada pela
Universidade Federal de
Pelotas

Reitoria

Reitora: Ursula Rosa da Silva

Vice-Reitor: Eraldo dos Santos Pinheiro

Chefe de Gabinete: Renata Vieira Rodrigues Severo

Coordenação de Assuntos Estratégicos:

Marco Aurélio Romeu Fernandes

Coordenação de Assuntos Institucionais:

Daniel Bruno Momoli

Assessores do Gabinete da Vice-Reitoria:

Gustavo Dias Ferreira, Jocasta Soares dos Santos

Pró-Reitor de Ensino: Antônio Maurício Medeiros Alves

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Marcos Britto Corrêa

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Fábio Garcia Lima

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Josy Dias Anacleto

Pró-Reitora de Planejamento e Administração: Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: Claudia Daiane Garcia Molet

Superintendência de Gestão de Tecnologia da Informação e Comunicação: Christiano Martino Otero Avila

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: Vinícius Farias Campos

Superintendência do Campus Capão do Leão: José Rafael Bordin

Superintendência de Gestão Administrativa:

Mariana Schardosim Tavares

Superintendência de Infraestrutura: Everton Bonow

Superintendência do Hospital Escola: Tiago Vieiras Collares

Editora UFPel – Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências

Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências

Exatas e da Terra: Eder João

Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos

Representantes da Área das Ciências

Biológicas: Rosangela Ferreira

Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das

Engenharias: Reginaldo da Nóbrega

Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas:

Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas:

Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo

Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétierville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)
Profa. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Dra. Daniele Gallindo (UFPel); Dra. Lua Gill da Cruz (PUC-RJ); Dra. Pilar Lago e Sousa (UFG)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Canudos. Registro dos prisioneiros do arraial, no interior da Bahia, em 1897. Foto: Flavio de Barros/Museu da República.

Pareceristas ad hoc: Ana Rüsche (Unb); Camila Carvalho (UFMG); Felipe Ribeiro (UFPE); Gabriel Fernandes de Miranda (UEPA); João Ourique (UFPel); Letícia Cristina Alcântara Rodrigues (UFG); Maria Carolina Casati Digiampietri (Usp); Mauro Gabriel Morais da Fonseca (UFJF); Nima Spigolon (Unicamp); Paulo Possamai (UFPel); Pedro Gabriel Torres de Assis (UFOP); Rodrigo Águeda Bandeira Cardoso (UFF); Rodrigo de Freitas Faqueri (IFSP); Stephen Basdeo (Elizabeth School of London); Suzana Vasconcelos (Universität Tübingen); Thiago Magela (UNEMAT); Valeria Ignácio (PUC-SP); Vinícius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP); Virgínea Novack Santos da Rocha (PUC-RS).

Editora e Gráfica Universitária

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2025/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História e Literatura : Diálogos e Reflexões) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.2, jul. 2025. – Pelotas: UFPel/NDH, 2025 – 148 p. ; 1,6 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Literatura 3. Fontes

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION

Daniele Gallindo
Lúa Gill da Cruz
Pilar Lago e Sousa

07

CRÔNICAS MACHADIANAS: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS

MACHADO DE ASSIS'S CHRONICLES: LITERARY CHRONICLES AS HISTORICAL
SOURCES

Claudia Teixeira Façanha
Lucia de Souza Teixeira Costa

10

POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

POSSIBLE DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE

Derocina Alves Campos Sosa

34

INTERSECÇÕES BRASIL-ANGOLA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *SOMBRAZ DE REIS BARBUDOS*, DE JOSÉ J. VEIGA, À LUZ DO CONTO “GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!”, DE BOAVENTURA CARDOSO

BRAZIL-ANGOLA INTERSECTIONS: AN ANALYSIS OF THE NOVEL *SOMBRAZ DE REIS BARBUDOS*, BY JOSÉ J. VEIGA, IN LIGHT OF THE SHORT STORY “GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!”, BY BOAVENTURA CARDOSO

Júlio César Kohler Damasceno Baron
Rogério Max Canedo

47

FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE NACIONAL EM *A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES*, DE MOACYR SCLiar

FIGURATION OF HISTORY AND NATIONAL IDENTITY IN *A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES*, BY MOACYR SCLiar

Luiz Felipe Voss Spinelli

62

ENTRE PÁGINAS E CICATRIZES: A VIOLENCIA CONTRA A MULHER EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO* E NO COTIDIANO BRASILEIRO

BETWEEN PAGES AND SCARS: VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE WEIGHT OF THE DEAD BIRD AND IN EVERYDAY LIFE IN BRAZIL

Lucas Matheus Araujo Bicalho
Luís Fernando de Souza Alves
Mauricio Alves de Souza Pereira

76

PRIVACIDADE EM PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO E AS CARTAS DE FRANCES BURNLEY

PRIVACY IN FEMALE WRITING PRACTICES IN 18TH-CENTURY ENGLAND: THE DIARY AND LETTERS OF FRANCES BURNLEY

Maria Vitória Dias Collares
Adriano Diniz Comissoli

92



**A CONSTRUÇÃO DO PIRATA DA ERA MODERNA: INTERAÇÕES ENTRE
HISTÓRIA, LITERATURA E O IMAGINÁRIO COLETIVO**
THE CONSTRUCTION OF THE MODERN ERA PIRATE: INTERACTIONS BETWEEN
HISTORY, LITERATURE, AND THE COLLECTIVE IMAGINATION
Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira **113**

**MARGUERITE DURAS SOB O FEITIÇO DE JULES MICHELET: O PENSAMENTO
DO HISTORIADOR NA POÉTICA DURASIANA**
MARGUERITE DURAS UNDER THE SPELL OF JULES MICHELET: THE HISTORIAN'S
THOUGHT IN DURASIAN POETICS
Rafaela Faria Vianna **132**

ENTRE PÁGINAS E CICATRIZES: A VIOLENCIA CONTRA A MULHER EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO* E NO COTIDIANO BRASILEIRO

BETWEEN PAGES AND SCARS: VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE WEIGHT OF THE DEAD BIRD
AND IN EVERYDAY LIFE IN BRAZIL

Lucas Matheus Araujo Bicalho¹

Luis Fernando de Souza Alves²

Mauricio Alves de Souza Pereira³

Resumo: A obra de Aline Bei, intitulada *O peso do pássaro morto*, é um exemplo de como a literatura pode ser usada para reflexionar e debater sobre a violência na sociedade brasileira. É possível discutir sobre questões éticas, vulnerabilidade e força, propondo uma ressignificação de experiências de dor, além de sugerir caminhos de resistência. Para isso, tem-se em vista uma abordagem interpretativa, fundamentada em teorias de Rita Segato (2025) e Heleith Saffioti (2015) conhecidas por seus estudos sobre gênero e violência. Além disso, busca-se incorporar à discussão algumas das contribuições de Antonio Cândido (1965), cuja crítica literária lida com a representação da realidade social em textos literários.

Palavras-chave: Aline Bei; Literatura brasileira; O peso do pássaro morto; Resistência; Silenciamento; Violência contra as mulheres.

Abstract: The book by Aline Bei, entitled *O peso do pássaro morto* (*The weight of the dead bird*), exemplifies how literature can reflect on and debate violence in Brazilian society. It is possible to discuss ethical issues, vulnerability, and strength, proposing a re-signification of experiences of pain, suggesting paths of resistance. To accomplish this, we follow an interpretative approach based on the theories of Rita Segato (2025) and Heleith Saffioti (2015), writers known for their studies on gender and violence. We also seek to incorporate some of the contributions of Antonio Cândido (1965), whose literary criticism deals with the representation of social reality in literary texts.

Keywords: Aline Bei; Brazilian literature; The weight of the dead bird; Resistance; Silencing; Violence against women.

Introdução

*Mas não era
Tempo
o problema foi a perda
da parte
de mim que
acreditava, vazou no banho um dia
pelo ralo,
escorreu e a água rápida mandou pro
cano que levou pro rio.*

(BEI, 2017, p. 33)

Eis a metáfora que dá nome à obra *O Peso do Pássaro Morto*, título que desperta múltiplas interpretações e sentimentos. Quando criança, Aline Bei, autora do livro, segurava o pequeno pássaro de estimação da família, enquanto sua mãe se afastava por um instante para buscar um cortador de unhas. A intenção era aparar as garras do passarinho. No entanto, nesse curto intervalo, o animal morreu. O peso do corpo inerte do animal foi tão marcante que, segundo a autora, nem suas mãos, nem sua

¹ Mestrando da Universidade Estadual de Montes Claros. Email: bicalholucas2017@gmail.com

² Mestre em Sociedade, Ambiente e Território pela Universidade Federal de Minas Gerais (2024); Mestre em Teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (2020); Mestrando em Arqueologia das Paisagens Culturais pela Universidad de Jaén e Universidad Internacional de Andalucía (2025). Email: luisf3@gmail.com

³ Doutor em Linguística pela UFMG. Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Salinas. Email: mauaspereira@gmail.com

vida foram as mesmas. As palavras supracitadas, escritas pela autora com lirismo, ecoam na epígrafe do romance e dão o tom da obra, sensível, profunda, carregada de perda, tempo e transformação.

Aline Bei nasceu em 1987 e carrega em sua trajetória uma paixão pelas palavras em todas as suas formas. Formou-se em Letras pela *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* e em Artes Cênicas pelo *Teatro Escola Célia Helena*, duas linguagens que, mais do que coexistir, se entrelaçam em sua escrita intensa, corporal, quase performática. Além de escritora, é editora e colunista cultural do site *OitavaArte*, onde cultiva o olhar sensível que também permeia suas obras.

Seu romance de estreia, *O Peso do Pássaro Morto*, publicado em 2017 pela editora independente Nós, revelou ao público uma voz literária singular, delicada e feroz ao mesmo tempo. A obra rendeu a Bei o Prêmio Toca de Literatura e, em 2018, o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Melhor Romance de Autor com Menos de 40 Anos (BICALHO, 2024). Também foi finalista do Prêmio Rio de Literatura, confirmando seu lugar entre os nomes mais promissores da nova literatura brasileira.

Em 2021, ela retornou com *A Pequena Coreografia do Adeus*, publicado pela *Companhia das Letras*. O livro, que repete a cadência lírica e a profundidade emocional do primeiro, conquistou leitores e crítica, consolidando sua escrita como um corpo em movimento, frágil, firme e feroz. Nos dois romances, a autora convida leitores a mergulharem no silenciamento vivido por inúmeras mulheres na sociedade contemporânea, um silenciamento construído e perpetuado por meio de violências físicas, sexuais, psicológicas e simbólicas que fazem parte do cotidiano brasileiro.

A partir da estrutura de seus textos, Aline já propõe uma reflexão sobre como contar uma história. Embora suas obras sejam caracterizadas como romances e utilizem elementos clássicos da narrativa, como espaço, tempo, narrador e personagens, são livros escritos em versos livres, com letras minúsculas e grandes espaços em branco entre linhas e estrofes. Trata-se de um estilo que, longe de ser mero artifício estético, provoca desconforto em quem lê, obrigando o olhar a desacelerar, sentir e respirar entre os silêncios da página (ARAÚJO; DUNDER, 2023).

Esse artifício visual e sonoro remete à discussão do poeta Jorge Luis Borges (2019, p. 9), o qual afirma que “[...] toda vez que me deparo com uma página em branco, sinto que tenho que redescobrir a literatura”. É nesse espírito de redescoberta que a prosa de Aline Bei se encontra com a poesia. Em seus textos, versos dançam. Essas linhas movem-se à medida que são lidas, guiadas por aliterações, assonâncias, cadências, pausas e ritmos próprios, como se cada página respirasse por si. Ao escolher uma narrativa em primeira pessoa, ela estreita a relação entre narradora e leitora, permitindo que a tristeza, tantas vezes calada, ecoe das páginas como um grito que atravessa o íntimo, o corpo e a linguagem. Diante disso, a questão que se impõe é: como a literatura pode contribuir para a compreensão e transformação de uma realidade social marcada por violência, especialmente aquela dirigida contra mulheres no contexto brasileiro?

A literatura é uma aliada da História, pois permite visualizar e interpretar desdobramentos sociais, culturais, históricos, políticos e econômicos de um determinado contexto (ENNES; BUFFON, 2019). A obra *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, exemplifica essa potência, ao abordar, com sensibilidade e profundidade, a dor de uma mulher violentada, uma dor que, embora

narrada por uma personagem, representa a experiência de inúmeras mulheres silenciadas, oprimidas e aprisionadas. A violência retratada na obra ultrapassa o individual e revela-se como expressão de uma realidade coletiva, marcada por estruturas de poder que se impõem sobre corpos femininos.

Com essas questões em vista, postula-se que o presente artigo tem o objetivo de analisar como a literatura, por meio da escrita de Aline Bei, pode ser um meio para discutir a violência na sociedade brasileira, promovendo reflexões sobre ética, vulnerabilidade e força, elementos necessários para ressignificar experiências de dor e possibilitar caminhos de resistência. Para concretizar o objetivo proposto, esta pesquisa fundamenta-se em uma análise interpretativa da obra, pautando-se em conceitos e teorias desenvolvidos por Rita Segato (2025) e Heleith Saffioti (2015), conhecidas por seus estudos de gênero e violência. Em se tratando de questões relativas ao campo da Literatura, proveito é feito de contribuições teóricas de Antonio Cândido (1965) relativas à crítica literária e necessárias à compreensão da realidade social representada em textos literários.

Por fim, antes de prosseguir para o próximo tópico, destaca-se que, no Brasil, a violência contra mulheres é algo que impacta milhões de mulheres, de diferentes faixas etárias e de diferentes classes sociais. Assim, este estudo se propõe a explorar como a literatura, e em especial *O Peso do Pássaro Morto*, pode servir como fonte para reflexão e enfrentamento dessas questões. Ao analisar o impacto dessa narrativa escrita por Aline Bei (2017), este artigo procura revelar a capacidade da literatura em promover mudanças sociais e culturais.

Percursos teórico-metodológicos: trajetórias e abordagens exploradas

No desenvolvimento de pesquisas científicas, diferentes caminhos metodológicos podem ser percorridos a fim de alcançar uma solução para um problema de pesquisa proposto. Esse percurso metodológico representa a estratégia que diferentes pesquisadores decidem adotar na busca por atingir seus objetivos investigativos. Com ciência disso, o presente artigo pode ser definido como uma pesquisa básica, cujo propósito central é gerar conhecimentos de modo que contribua para o avanço da ciência, sem necessariamente priorizar aplicações práticas (SILVA; MENEZES, 2005). Ademais, é um trabalho que busca fomentar reflexões e promover debates acadêmicos que redundem em enriquecimento do conhecimento científico.

Como parte do procedimento metodológico para a elaboração deste trabalho há a realização de uma revisão bibliográfica, envolvendo livros, artigos acadêmicos e outras produções científicas pertinentes à temática investigada. As fontes foram acessadas por meio de plataformas de busca como *Google Acadêmico*, *SciELO* e *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, o que permitiu estabelecer uma interlocução crítica entre diferentes perspectivas e abordagens. Tal percurso metodológico fomentou reflexões acerca de questionamentos levantados ao longo do estudo. Ao conceituar elementos analisados e estabelecer conexões coerentes entre eles, construiu-se uma compreensão articulada e consistente sobre o tema.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa adota uma abordagem interpretativa, possibilitando que pesquisadores analisem fenômenos em seus contextos, bem

como a realidade em sua complexidade e como ela se manifesta. Essa perspectiva também evidencia a relevância de questões de pesquisa em articulação com estudos previamente realizados. A presente investigação é de teor qualitativo, pois realiza uma análise interpretativa da obra *O Peso do Pássaro Morto*, dialogando com estudos sobre a violência contra mulheres na sociedade brasileira.

Histórias que ferem: a Literatura como espelho social

Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (1965), afirma que a literatura é, antes de tudo, um fato social que se transforma. A produção literária não nasce do acaso, nem deve ser compreendida como simples manifestação individual ou exercício estático isolado. A literatura é construída em uma sociedade, por sujeitos sociais, e reflete, ainda que de maneira simbólica ou indireta, estruturas, conflitos, valores e contradições de seu tempo. Ela participa ativamente da dinâmica social ao mesmo em que é moldada por ela. Logo, uma narrativa literária incorpora elementos como ideologias, relações de poder, desigualdades e desejos coletivos.

Diante disso, Candido (1995) não propõe uma leitura reducionista que converta a literatura em mera sociologia, mas defende uma abordagem que reconhece sua dupla dimensão: estética e social. Ao considerar essas duas faces, amplia-se o alcance da crítica literária, evidenciando que o valor de uma obra não se restringe à linguagem ou à técnica, mas que também abrange sua inserção no mundo e o diálogo que estabelece com personagens históricos que a produzem e a leem. Portanto, a literatura reflete o social e o reconfigura, contribuindo para a formação de consciências, exercício da empatia e questionamento de estruturas estabelecidas.

Posto isso, é relevante destacar que *O Peso do Pássaro Morto* é fruto de um curso de escrita criativa ministrado pelo escritor Marcelino Freire. O romance de Aline Bei, embora se apresente de forma tímida em seu início, aborda temáticas que capturam a atenção de diferentes leitores. Luto, dor e violência contra as mulheres se perpetuam em diferentes cenários no decorrer da narrativa (SANTOS, 2021). Outro elemento que prende a atenção é a estrutura do romance, que foge de modelos textuais tradicionalmente associados à prosa. A escritora, de modo ousado, apresenta um romance em versos, marcado pela carga emocional e traços de resistência, subjetividade, melancolia, depressão e dramaticidade (SILVA, 2023).

O romance é predominantemente construído em primeira pessoa, organizado em 10 segmentos nomeados de acordo com diferentes idades, o que simboliza múltiplas etapas da trajetória da narradora-personagem. A narrativa assume caráter de um relato íntimo, quase confessional, que se afasta da convenção linear e da identificação explícita da protagonista, cujo nome permanece ausente ao longo de toda a obra. Essa escolha dialoga com a desordem emocional vivida pela personagem, marcada por episódios de violência, negligência, maternidade precoce, luto, fragilidade e resiliência (BICALHO, 2024).

Desde muito jovem, a personagem central é confrontada com um trauma de natureza sexual que se torna um eixo estruturante de suas experiências posteriores, atravessando perdas afetivas, familiares e existenciais profundas. Ainda assim, a narrativa reserva espaços de ternura, cuidado e

tentativas de reconstrução subjetiva, revelando uma busca silenciosa por dignidade e sentido em meio à adversidade. Dessa forma, o livro se configura como uma representação do processo de maturação de uma mulher em um contexto social que frequentemente marginaliza, silencia e subestima a complexidade de vivências femininas.

Nesse contexto, a narrativa do romance estabelece uma conexão direta com as abordagens de Heleith Saffioti (2015), ao tratar da violência de gênero como um elemento estruturante do patriarcado. A escolha de não nomear a protagonista reforça a fragmentação subjetiva imposta pelos traumas vividos, algo característico das experiências históricas de mulheres que foram, de diversas formas, subjugadas. Segundo essa autora, a violência não se manifesta como um ato isolado, mas como parte de um sistema de opressão que organiza a subordinação feminina. Nesse sentido, o romance se aproxima da denúncia política proposta por Saffioti (2001, 2013, 2015), ao sugerir que romper o silêncio é o primeiro passo para desnaturalizar a violência. Dessa maneira, a obra se configura como um espaço de resistência, essencial para a reconfiguração das narrativas históricas das mulheres.

O romance *O Peso do Pássaro Morto* oferece uma narrativa que explora perdas, traumas, estupro e violência que mulheres carregam como fardo, muitas vezes assumindo, de forma distorcida, a responsabilidade por tais experiências. Esse peso se revela de maneira precoce na personagem jovem, que, ao longo da obra, armazena em si a violência e o silenciamento imposto pela estrutura patriarcal. Conforme afirma Rita Segato (2025), a veracidade do testemunho de uma jovem ainda em estado de choque e traumatizada por abuso ou estupro se manifesta na dificuldade de relatar com precisão os eventos, pois o medo a domina e o silêncio é único abrigo possível. O romance não apenas retrata o impacto devastador da violência, ele também reflete sobre o silêncio como forma de resistência forçada, característica das mulheres diante de um sistema que marginaliza suas experiências.

Segato (2025) afirma que o testemunho de uma mulher traumatizada não deve ser avaliado por parâmetros tradicionais de lógica, coerência ou linearidade, critérios oriundos de uma perspectiva jurídica e patriarcal. Para ela, o sistema de justiça e outras instituições sociais são permeados por estruturas de poder que frequentemente invalidam o discurso da vítima, ignorando o impacto subjetivo da violência sexual. A violência sexual não é motivada por desejo, mas constitui um ato de dominação e poder, um ataque ao corpo entendido como território sobre o qual o poder masculino se afirma. O silêncio adotado por muitas mulheres após o abuso não reflete ausência de veracidade, mas uma resposta ao trauma e a uma estrutura social que deslegitima e silencia suas vozes.

O romance, cuja narrativa é iniciada aos 8 anos da protagonista, narra a relação da personagem principal com seu Luís, um benzedor e vizinho. A narrativa explora a dinâmica entre eles, enquanto o ambiente é descrito como um espaço familiar e recorrente na vida da protagonista (SILVA, 2021). A construção desse cenário parece ser essencial para compreender as nuances da relação e o impacto do ambiente na história.

seu Luís
é benze Dor.
quando estou com dor de garganta e eu estou
sempre com dor de garganta,
ao invés de médico, minha mãe me leva no seu luís.
[...]
na hora de benzer é reza de índio,
a voz do seu luís fica
Grave
parece que tem um cacique dentro dele
cantando para eu
Sarar.
funciona.
depois de uns três dias minha garganta Para de
doer pra sempre até a próxima
dor
(BEI, 2017, p. 7-8).

Nos versos em letra minúscula, há uma fragmentação deliberada, espalhando-se pela página como se ecoasse os passos hesitantes de alguém tentando relatar uma experiência dolorosa e repleta de dificuldade (SILVA, 2021). A leitura, ritmada e entrecortada, simula o esforço emocional de um testemunho marcado por respirações profundas e momentos de dúvida. Um detalhe intrigante é o uso do nome Luís. Inicialmente com a primeira letra maiúscula, seguindo a norma padrão da língua portuguesa, seu uso evolui ao longo da narrativa. Com o passar do tempo, o nome perde seu peso formal e torna-se parte do cotidiano da protagonista, sendo assimilado como um substantivo comum e, por isso, a grafia da primeira letra sendo minúscula.

Em momentos posteriores, a palavra *benzedor* se transforma poeticamente em *benze Dor*. Nesse jogo de palavras, o substantivo *dor* ganha um tom quase íntimo, como se fosse parte inseparável da jovem protagonista. Essa escolha parece carregar um simbolismo profundo, sugerindo ao leitor que o benzedor não apenas *cura a dor*, mas também acolhe e compreende o sofrimento da garota. Mais adiante, quando *benzedor* reaparece em letra minúscula, é como se a própria dor já houvesse sido acolhida e integrada ao cotidiano dela, agora desprovida de estranheza, mas ainda profundamente presente.

Ao amadurecer, a jovem protagonista desenvolve uma profunda amizade, que rapidamente se torna sua melhor amiga. Porém, um trágico incidente ocorre. Essa amiga, Carla, é atacada por um cachorro feroz e morre. A partir desse momento, a narrativa mergulha no universo da dor, sofrimento e luto para a jovem. Preocupados com a fragilidade emocional da filha e temendo que ela não fosse capaz de lidar com a perda de Carla, seus pais, com delicadeza e cautela, tentam explicar a ela que:

perguntei para minha mãe
- o que é morrer?
ela estava fritando bife pro almoço.
-o bife
é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o
que
farão com a sua carne.
quando estamos vivos, muitas vezes também não escol
hemos.
mas tentamos.
almoçamos a morte e foi calado
(BEI, 2017, p. 21).

A partir desse momento, a narrativa se aprofunda em reflexões sobre a morte e sua inevitabilidade, questionando o significado desse ato. Sem compreender plenamente a explicação oferecida pelos pais, a narradora, por meio de suas experiências, chega à conclusão de que, assim como o bife, a morte não é uma escolha. Essa percepção se conecta a uma crítica mais ampla: a ideia de que as mulheres frequentemente têm seus corpos controlados por outros, contra sua própria vontade (SILVA, 2023). Nesse contexto, a carne assume um papel simbólico, representando a autonomia negada, especialmente para mulheres que, inseridas em uma suposta *natureza feminina*, são silenciadas e submetidas à violência.

Ao longo da narrativa, a protagonista enfrenta uma sequência de perdas que molda sua trajetória emocional. No primeiro capítulo, ela encara a morte de Luís, seu querido amigo, e as mudanças na escola, aprendendo a lidar com a dor como uma constante em sua vida. Quando chega *aos 17 anos*, suas memórias revelam outras transformações importantes, evidenciando o desafio de conviver com o sofrimento enquanto busca construir novas conexões. É nesse ponto da história que ela conhece Paula, sua nova amiga, e Pedro, com quem inicia um relacionamento casual.

Em meio a essas novas experiências, a jovem vai a um show de rock com Paula. Esse evento se torna um marco na narrativa, pois desperta nela uma gama de sentimentos até então adormecidos (SILVA, 2021). Entre desejos e curiosidades sobre seu próprio corpo, que até aquele momento permanecia como um território desconhecido, ela começa a confrontar sensações e percepções que ampliam sua compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor.

o espaço
na frente do palco ficou minúsculo, meus músculos,
me senti um bicho
joguei cerveja no rosto e lambi as sobras que caíam

na boca,
eles riram, me imitaram,
a Paula
arrancou a blusa e rodou no ritmo,
as tetas também
no ritmo
suamos e fomos ficando cada vez mais juntos
cada vez mais
juntos e
quando dei por mim
estávamos beijando
a boca um dos outros até virar um beijo de bocas e
foi
desfrute.
a língua da Paula
era muito gostosa com aqueles
peitos,
a boca do cara tinha cheiro de menta com aquele
cabelo.
ninguém perguntou nomes,
fechei o olho
pra morrer a 3
(BEI, 2017, p. 50-51).

No clímax da narrativa, a protagonista desafia normas heteronormativas e morais ao demonstrar desejo por outra garota e beijar, ao mesmo tempo, um rapaz desconhecido. Esse gesto, que rompe com os padrões de comportamento esperados das mulheres, é imediatamente punido: alguém registra o beijo e mostra a imagem a Pedro, seu envolvimento amoroso, que reage de forma agressiva e misógina: “puta eu gostava de você, sua P u t a!” (BEI, 2017, p. 52, ênfase da autora).

A partir disso, Pedro se torna alvo de zombarias na escola, chamado de *chifrudo*, mas é a protagonista quem sofre as maiores consequências. Nenhum colega demonstra empatia diante da exposição de sua intimidade. Antes, ela é julgada e estigmatizada como *lasciva* e *promiscua* (SILVA, 2021). A cena evidencia como o discurso social transfere para a mulher a responsabilidade pela violência que sofre, utilizando sua sexualidade como forma de punição e reforçando a masculinidade de Pedro como o verdadeiro bem ferido. Assim, a literatura revela e critica mecanismos simbólicos de uma sociedade patriarcal que silencia, culpa e controla corpo e desejo femininos.

A cena remete a uma longa trajetória de controle e silenciamento vivida por mulheres na história do Brasil, desde o período colonial (1500-1822), submetidas à autoridade masculina dentro

e fora de casa (DEL PRIORE, 2011). Não apenas excluídas das decisões, mas responsabilizadas por desvios morais que os próprios homens cometiam. Quando uma mulher é estuprada, assediada ou assassinada por um cônjuge, partes da sociedade, em vez de se voltarem ao agressor, procuram no comportamento da vítima alguma justificativa, como uma roupa curta, um decote, um batom vermelho, o local e o horário em que circulava. Qualquer detalhe é utilizado para explicar e legitimar a violência (BICALHO; ALVES; MARQUIOLI; VIEIRA; COSTA, 2023; BICALHO, 2025). A literatura, assim como é a produzida por Aline Bei, não apenas capta essas nuances, mas denuncia, com delicadeza e força, como o peso do julgamento social ainda recai sobre os ombros femininos, indicando que amar, desejar ou apenas existir pode ser um risco.

A partir disso, observa-se como a sociedade, alicerçada por uma lógica patriarcal, ainda insiste em relegar às mulheres papéis tradicionalmente atribuídos, como esposas, mães e rainhas do lar (ainda que sem trono). Espera-se delas obediência, cuidado e submissão aos desejos do marido. Nesse cenário, episódios de violência contra elas são frequentemente reinterpretados como sua própria responsabilidade e não do ofensor. A culpa recai sobre seus ombros, seja por falarem demais, por se calarem, por desejarem, por recusarem desejos masculinos, por existirem fora do roteiro imposto (SAFFIOTI, 2001; BICALHO; REIS, 2024; BICALHO, 2025).

Conforme o *Atlas da Violência* (2024), entre os anos de 2012 e 2022, o Brasil contabilizou ao menos 48.289 homicídios de mulheres. Somente em 2022, foram registradas 2.806 vítimas, o que corresponde a uma taxa de 3,5 casos para cada 100 mil mulheres, envolvendo agressões físicas, estupros e feminicídios. Entre fevereiro de 2024 e fevereiro de 2025, estima-se que 27,6 milhões de mulheres tenham sido vítimas de algum tipo de violência. Entre elas, as jovens de 25 a 34 anos representam o grupo mais atingido, com 34,6% dos casos, sendo o estupro uma das formas mais recorrentes de violação (CERQUEIRA; BUENO, 2024).

Esses dados revelam que, apesar de avanços legais e discussões públicas, o corpo feminino continua alvo de práticas de dominação e controle. Pesquisas do *DataSenado* revelam que, no Brasil, 3 em cada 10 mulheres já foram vítimas de violência doméstica. Apesar disso, muitas dessas mulheres hesitam em denunciar seus agressores, frequentemente buscando apoio na família ou igreja, em vez de recorrerem à delegacia da mulher. Essa dinâmica reflete uma estrutura social que, como apontado por Saffioti (2015), tende a poupar o homem agressor nos ambientes que ele frequenta, enquanto a mulher é culpabilizada e ridicularizada pela violência sofrida.

A partir de Antonio Cândido (1965), nota-se que o texto literário opera como um espelho que reproduz, denuncia e desestabiliza elementos da sociedade brasileira contemporânea. Um romance pode assumir uma dimensão ética e estética ao dar visibilidade a experiências historicamente marginalizadas e ao converter a dor em discurso. A literatura tem o potencial de desnaturalizar valores sociais, revelando como eles são construídos, além de evidenciar suas dimensões desumanas. A literatura, portanto, não deve ser compreendida como mero reflexo passivo da realidade social, mas como uma forma de elaboração simbólica que permite tensionar, resistir e reconfigurar interpretações predominantes da experiência humana.

Ao observar a cena de clímax do romance, em que a personagem feminina é exposta publicamente e submetida ao julgamento moral coletivo, evidencia-se o funcionamento da narrativa como instrumento crítico. O julgamento não recai sobre um ato de violência que ela comete, mas sobre sua transgressão de normas estabelecidas para o comportamento feminino (SEGATO, 2003). Assim, o romance não se limita a narrar uma história, mas atua como denúncia de estruturas históricas de opressão. Essa perspectiva se alinha diretamente à visão de Cândido (1965) sobre a função da literatura, que não apenas reflete, mas também contribui para a compreensão crítica da sociedade e de suas dinâmicas de poder e subordinação.

Em um momento posterior, acreditando que todas as adversidades que vivia eram culpa da jovem protagonista, Pedro sentiu-se obrigado a recuperar sua honra e reafirmar sua identidade masculina. Com essa intenção, dirigiu-se à casa dela, determinado a supostamente resolver a questão:

Alguém tocou a campainha.
acordei
olhei quem era
pela janela do quarto
e vi o
Pedro?,
lá embaixo que me viu também e disse:
-eu quero conversar com você.
meu ar
fugiu do peito,
tentei me arrumar rápida no espelho, joguei
o cabelo
pro lado passando perfume em lugares
estratégicos.
ele estava calmo eu senti
alívio, pensei em argumentos como
fiquei bêbada,
ninguém trocou telefone,
do cabeludo eu não sei
nem o nome e a paula
foi uma bobagem
esquecível
entre amigas, eu
já esqueci
(BEI, 2017 p. 57-58).

Ao descrever o encontro inesperado com Pedro, a narradora transmite a complexidade emocional

vivida pela protagonista. Sentimentos contraditórios como medo, ansiedade, esperança e confusão atravessam seu corpo e sua mente, revelando o impacto avassalador do momento. A estrutura do texto, marcada por espaçamentos e intervalos, reforça essa intensidade, criando uma sensação de pausa, como se a jovem precisasse de fôlego para lidar com tantas emoções. E ao explicar a Pedro a situação, ele:

tinha 1 Faca
que colocou no meu
pescoço.
meu grito
morreu no meu estômago
junto com o chute que ele me deu. [...]
arrancou meu
vestido, o contato
da Faca
queimava
a pele e
ardia enquanto o Pedro
mastigava meus peitos
pronto para arrancar o bico. [...]
entre a reza e o pulo escolhi
ficar dura
e estranhamente pronta
pra morrer.
foi quando o xixi
me escorreu
as pernas.

-tá mijando em mim sua porca?

ele arrancou o pau pra fora e fez o mesmo
na minha boca.

o pedro
ria,
disse que arrombadas como eu prestam só pra dar [...]
ele abaixou as calças
abriu minhas pernas
e meteu com pressa [...].

Acabou

e eu
melada O chão
de ardósia O Pedro
subiu as calças
virou as costas
e saiu
(BEI, 2017, p. 58-60, ênfase da autora).

Quando a ameaça da faca é colocada contra seu corpo, a jovem se vê entregue a uma sensação de fragilidade e medo, temendo pela própria vida. Na iminência de sua morte, ela escolhe uma morte silenciosa, psicológica e, em um gesto de total desamparo, começa a urinar no chão. Sua atitude, que se distancia dos comportamentos esperados pela rígida moral patriarcal, torna seu corpo o alvo de uma violência que busca punir e disciplinar, como se fosse algo a ser possuído e controlado (SILVA, 2021).

Ao ser chamada de *porca* no fim do abuso, Pedro a deixa ali, desamparada, com sua vida em desordem, como se o termo *acabou* fosse um reflexo da perda de sua dignidade e identidade. A dor, misturada ao medo, tornou-se tão profunda que, diante de tudo, a protagonista optou pelo silêncio, uma forma de se proteger em meio à brutalidade que a envolvia.

No capítulo intitulado *Aos 18*, a protagonista toma consciência de sua gravidez, que é fruto do estupro perpetrado por Pedro. Novamente, ela se vê aprisionada pelo medo e culpa, internalizando a falsa ideia de que de algum modo a responsabilidade pela violência recai sobre ela. Ao comunicar a gravidez aos pais, escolhe ocultar a verdade e justifica a situação como resultado de um relacionamento breve e inesperado. Quando segura o bebê em seu colo, uma nova reflexão emerge, carregada de contraditórias emoções e silenciosos questionamentos:

[...] colocou o bebê
no meu colo.
eu estava chorando
de cansaço,
olhei praquela criança
também chorosa, ela que
não fazia ideia
do que é no mundo nascer um menino [...]
alguém precisa contar a outra parte, doutor,
as mulheres abusadas nas trincheiras e
nos viadutos
não estão nos livros de história,

os ditadores sim
todos em itens
numa longa biografia. [...]
ele precisa saber que dar o peito pode sangrar para
algumas mães,
impedir para outras.
ele precisa saber
que a chuva só traz paz pra quem mora no topo [...]
(BEI, 2017, p. 59-60).

Nessa cena, a autora aborda o mito do amor materno, um conceito que historicamente tem sido utilizado para controlar corpos e comportamentos de mulheres, ao impor-lhes um papel social específico, a saber, o de cuidadora da família e do lar, ou seja, como mãe, esposa e dona do lar (BANDITER, 1985). Aline Bei, ao dar visibilidade à jovem que gera um filho fruto de um estupro, introduz uma reflexão sobre a maternidade forçada. Quando a protagonista encontra o recém-nascido, a autora mostra que em um futuro onde o homem é visto como pai, a criança deve saber que nem toda gravidez é desejada, nem todas as relações sexuais são com amor, e nem todos os atos性uais são consensuais (SILVA, 2021; BICALHO; SANTOS, 2025).

Nesse processo, autora e personagem realizam a desconstrução do idealizado vínculo materno, relatando dores intensas que muitas mulheres enfrentam ao amamentar. O leite que alimenta a criança, paradoxalmente, pode se transformar em sangue, pois é um ato doloroso, que fere e deixa cicatrizes profundas no corpo da mulher. A protagonista, ao longo da narrativa, chega a um ponto de percepção profunda, ela deixa de ser a jovem que um dia foi, se transformando em uma mulher marcada pela obrigação de viver em silêncio, enclausurada em suas próprias dores e lutos.

Sua transição para a maturidade é forjada por perdas e pela violência sexual que sofreu na juventude, traços indeléveis de um passado que não pode ser apagado. Agora, seus gritos, antes abafados pela dor da violação, se tornam ecos silenciosos durante o parto, um sofrimento que reverbera, como se ela carregasse, em seu corpo, os frutos amargos da violência. Ao resistir, ela desafia o mundo, ainda construído sob a ótica masculina, ao carregar consigo as cicatrizes de um sistema projetado para os homens e contra as mulheres.

Nessa perspectiva, Segato (2025) utiliza o conceito de mandato de violação para descrever como a violência sexual é instrumentalizada para legitimar o controle masculino sobre corpos femininos. No contexto brasileiro, essa violência é naturalizada e perpetuada por normas culturais, sociais, religiosas e comportamentos cotidianos que sustentam a dominação masculina. Assim, a violência contra mulheres não pode ser encarada como uma exceção isolada, mas como parte constitutiva da ordem social vigente, um reflexo de estruturas de poder que subordinam mulheres.

Diante disso, a autora revela que a violência moral e psicológica desempenha um papel central na construção e manutenção de hierarquias de gênero. Esse tipo de violência, muitas vezes

invisibilizado, é considerado como parte integrante da ordem de gênero, o que torna ainda mais difícil para as mulheres reconhecerem e denunciarem as agressões que sofrem. Assim, o temor das mulheres em denunciar seus maridos está enraizado em uma estrutura social que normaliza a violência de gênero e deslegitima vozes femininas, perpetuando um ciclo de silêncio e opressão.

Aqui, uma menção a Cândido (1965) é necessária, pois o mesmo argumenta que a literatura é um direito humano fundamental, destacando sua importância ao proporcionar uma experiência que humaniza, permitindo que, por meio da ficção, pessoas se aproximem de realidades frequentemente silenciadas ou ignoradas pela sociedade. Nesse contexto, a literatura não apenas retrata a dor, mas a transforma em uma forma de resistência simbólica. Em *O Peso do Pássaro Morto*, Aline Bei constrói uma narrativa humanizadora, que dá forma e voz à experiência traumática da protagonista. Estupro, silenciamento e maternidade imposta não são eventos isolados de uma história individual, mas uma representação de feridas estruturais de uma sociedade patriarcal que naturaliza a violência contra o corpo feminino e perpetua o silêncio como um mecanismo de controle.

Com uma escrita poética, fragmentada e marcada pela dor, a autora rompe com a linearidade narrativa e desafia modelos da literatura tradicional. Ela obriga leitores a confrontarem e compreendem desdobramentos do sofrimento de forma crua, sem qualquer amenização, gerando desconforto, no qual precisamente reside sua potência política. A literatura, portanto, ao denunciar desigualdades e violências, assume função de resistência ao poder opressor (CANDIDO, 1995), assim como ocorre na narrativa de Aline Bei, que apresenta uma vivência atravessada por violência e silenciamento. Por meio da literatura, a escritora resgata o direito à memória, à denúncia e à versão das vítimas.

Considerações finais

O peso do pássaro morto, de Aline Bei, exemplifica com força o argumento de Antonio Cândido sobre a literatura como fato social e estético. A narrativa de testemunho criada por Bei dá visibilidade ao sofrimento silenciado de uma mulher atravessada, desde a infância, por diversas formas de violência: física, simbólica, emocional e sexual. A escolha estética por uma escrita fragmentada, poética e não linear não é apenas uma experimentação formal, mas um gesto de resistência: ela mimetiza as marcas deixadas pelo trauma, propondo uma linguagem que resiste ao apagamento.

Aqui, a literatura se afirma não como mero exercício estilístico, mas como espaço de denúncia, reflexão e transformação social. A obra convida o leitor a mergulhar em dores íntimas que ecoam experiências coletivas, sobretudo de mulheres cujas histórias raramente encontram escuta. A protagonista, embora fictícia e sem nome, encarna uma pluralidade de vivências femininas reais, tornando-se símbolo da opressão estrutural que muitas enfrentam. Dessa forma, a literatura não se confunde com a sociologia, mas amplia sua potência crítica ao tocar as camadas mais sensíveis da vida social e afetiva. A trajetória dessa personagem revela como a arte pode se constituir como campo de desconstrução de discursos normativos e catalisadora da formação de

consciências. *O peso do pássaro morto* transforma a dor em linguagem e, com isso, reivindica a escuta como ato político.

Referências

- ARAÚJO, Lanuk Naginson Silva.; DUNDER, Mauro. O grito mudo: silenciamento e violência contra a mulher em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 8, n. Especial, p. 57-76, 2023.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/127560/Badinter%2C+Elisabeth+O+Mito+do+Amor+Materno.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- BEI, Aline. **O peso do pássaro morto.** São Paulo, Editora Nós, 2017.
- BEI, Aline. **Pequena coreografia do adeus.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BICALHO, Lucas Matheus Araújo. Úrsula, a vilã subversiva: gênero, poder e estereótipos na construção da personagem de A pequena sereia (1989). **Revista Multidisciplinar**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 1–10, 2025. Disponível em: <https://portalunifipmoc.emnuvens.com.br/rm/article/view/191>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- BICALHO, Lucas Matheus Araujo. O silêncio do grito: violência e silenciamento em “O peso do pássaro morto”. **Revista Multidisciplinar**, v. 37, n. 2, p. 1-10, 2024. Disponível em:<https://portalunifipmoc.emnuvens.com.br/rm/article/view/78>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís Fernando de Souza; MARQUIOLI, Stefany Reis; VIEIRA, Guilherme Carvalho; COSTA, Daniely Santos Ramos. A “SOLTEIRONA” NA SÉRIE BRIDGERTON DA NETFLIX: subversão e reinvenção de estereótipos no contexto social do século XIX. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 13, n. 33, 1 dez. 2023. Disponível em:<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/download/24920/13129/79518>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- BICALHO, Lucas Matheus Araujo; SANTOS, Anabele Cristine Lisboa. Quando o fim também é começo: uma resenha da obra “É Assim que Acaba” de Colleen Hoover. **Revista Multidisciplinar**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 1–9, 2025. Disponível em: <https://portalunifipmoc.emnuvens.com.br/rm/article/view/114>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- BICALHO, Lucas Matheus Araujo; REIS, Filomena Luciene Cordeiro. Suzane Von Richthofen: cruelmente “interessada, inteligente e aplicada”. **Comunicação & Informação**, v. 27, p. 219-236, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/80933>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- BRASIL. Pesquisa nacional de violência contra a mulher. **DataSenado**. Brasília: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>. Acesso: 19 abr. 2025.

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- ENNES, Cristina da Silva; BUFFON, Alejandro. A divina comédia: uma reflexão sobre a literatura como fonte histórica. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. febrero, 2019.
- SAFFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SAFFIOTTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**. v. 16, p.115-136, 2001. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkL/?format=pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.
- SANTOS, Jocelaine Oliveira dos. MORTE, VIOLÊNCIA E DEVASTAÇÃO EM O PESO DO PÁSSARO MORTO, DE ALINE BEI. **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 36, n. 1, p. 53-67, 2021.
- SEGATO, Rita. **As Estruturas elementares da violência**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2025.
- SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia: contrato y status en la etiología de la violencia**. Conferência de 30 de junho de 2003 no Curso de verão Violência de Gênero da Universidade Complutense de Madri. 2003. p. 2-14.
- SILVA, Edna Lucia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SILVA, Lorena Luana Dias da. **Estupro e silenciamentos em O peso do pássaro morto (2017) de Aline Bei**. 2023. 130 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RN, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.furg.br/handle/123456789/11357>. Acesso em: 19 abr. 2025.